



ESTADOS UNIDOS / General Mark Milley, chefe do Estado-Maior Conjunto, e assessores planejavam renúncia coletiva para impedir republicano de abolir a Constituição, revela obra de jornalistas do *The Washington Post*. Magnata chegou a ser comparado a Adolf Hitler

Cúpula militar temeu golpe de Trump, diz livro

» RODRIGO CRAVEIRO

O general Mark Milley, chefe do Estado-Maior Conjunto dos Estados Unidos, temia que o presidente Donald Trump desse um golpe após as eleições de novembro. Existia a percepção de que o republicano pudesse abolir a Constituição, a fim de se manter no poder. Tanto que a cúpula militar de Washington levantou a possibilidade de uma renúncia coletiva, uma forma de ignorar as ordens do magnata. “Eles podem tentar, mas não terão sucesso nem f...”, disse Milley a seus assessores. “Você não pode fazer isso sem o militares. Você não pode fazer isso sem a CIA ou o FBI. Somos os caras com as armas”, acrescentou. As revelações fazem parte do livro intitulado *I alone can fix it: Donald J. Trump's Catastrophic Final Year* (“Só eu posso consertar isso: o final catastrófico de Donald J. Trump”), de autoria de Carol Leonnig e Philip Rucker, repórteres do jornal *The Washington Post* e ganhadores do Prêmio Pulitzer.

Na obra, Milley chega a comparar a recusa de Trump em aceitar a derrota nas eleições com a tomada do Reichstag pelo líder nazista Adolf Hitler, em 1933. Naquele ano, Hitler aproveitou um incêndio suspeito no Reichstag, sede do Parlamento da Alemanha, para suspender as liberdades civis e reforçar a própria autoridade. “Este é um momento como o Reichstag (...) O evangelho do Führer”, disse Milley a seus assessores do Pentágono, segundo o livro. O general disse a Leonnig e a Rucker que enxergava paralelos entre a retórica de Hitler como vítima e salvador, e as falsas acusações de fraude eleitoral por parte de Trump. Também viu os simpatizantes convocados pelo presidente para marcharem contra as eleições como se fossem os “camisas marrons nas ruas” — a violenta milícia de Hitler.

Trump reagiu com um longo comunicado à imprensa, publicado no site *Save America* (“Salvem a América”). “Apesar da massiva fraude eleitoral e das irregularidades durante as eleições presidenciais de 2020 (...), eu nunca ameacei, nem falei para ninguém, sobre um golpe de nosso governo. Tão ridículo! Sinto informar-lhes, mas uma eleição é minha forma de ‘golpe’”, afirmou. “Se eu fosse cometer um golpe, um das últimas pessoas com quem gostaria de fazê-lo é o general Mark Milley. Ele conseguiu seu emprego apenas porque o general mais bem avaliado do mundo, James Mattis, não o suportava, não tinha respeito por ele e não o recomendava. (...) Costumo agir contra os

conselhos das pessoas que não respeito”, acrescentou.

Trump disse que perdeu o respeito por Milley, em 1º de junho de 2020, quando ambos caminharam lado a lado até a Igreja de São João, em meio a protestos deflagrados pela morte de George Floyd, um homem negro asfixiado ao ter o pescoço pressionado pelo joelho de um policial branco. Segundo Trump, a visita simbólica à igreja, situada a poucos metros da Casa Branca, provou-se “totalmente apropriada”. “No dia seguinte, Milley se sufocou como um cachorro na frente das fake news, quando eles lhe disseram que ele não deveria ter caminhado com o presidente. (...) Ele se desculpu profusamente, fazendo disso uma grande história, em vez de dizer ‘eu estou orgulhoso por caminhar com e proteger o presidente dos Estados Unidos’, ironizou.

Críticas

“Eu não gosto de golpes!”, ressaltou Trump, que não poupou críticas ao general. “É um melhor político do que um general, tentando obter favores da esquerda radical e dos absolutamente loucos que defendem uma filosofia que destruirá o nosso país”, concluiu o o magnata republicano.

O livro de Carol Leonnig e de Philip Rucker está sobre a mesa do escritório de David J. Rothkopf, autor de *Traitor: A history of American betrayal from Benedict Arnold to Donald Trump* (“Traidor: Uma história de traição americana de Benedict Arnold a Donald Trump”). Em entrevista ao *Correio*, Rothkopf, também professor de relações internacionais da Universidade Johns Hopkins, afirmou que autoridades do mais alto nível do governo Trump tinham receio de que o presidente pudesse tomar medidas para minar a democracia americana. “Essas medidas variaram desde o envio de tropas para deter manifestantes do movimento Black Lives Matter até a tentativa de colocar em xeque a legitimidade das eleições. Muitas dessas autoridades, especialmente depois da eleição, deram passos para conter Trump, por meio de pressão pública e de críticas.”

Rothkopf acredita que o ex-presidente não conhece o significado de um golpe. “Acho que ele pensava que poderia usar advogados e a opinião pública para controlar a situação e conquistar um resultado satisfatório. Trump sentia que poderia intimidar e persuadir as pessoas pelo caminho. Atacar o Capitólio foi uma forma mais aberta de golpe. Em sua mente, Trump imaginava que líderes duros tinham que se comportar assim”, explicou.

Joseph Prezioso / AFP

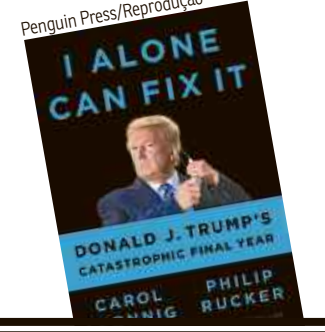


Simpatizantes de Trump entram em choque com policiais, antes da invasão ao Capitólio (acima); Milley viu ações antidemocráticas de Trump (abaixo)

Olivier Douliery/AFP



Penquin Press/Reprodução



A obra *I alone can fix it: Donald J. Trump's Catastrophic Final Year* (“Só eu posso consertar isso: o final catastrófico de Donald J. Trump”): revelações sobre a derrocada do governo do magnata republicano

» Eu acho...



“Não vejo Trump com o mesmo tipo de estrutura ideológica de Hitler. Trump é

patologicamente interessado em si mesmo. Ele queria aumentar o poder. Foi atraído por outros líderes com personalidades deformadas iguais à sua, como Jair Bolsonaro. Ambos são superficiais, narcisistas e valentões ignorantes. Havia uma química natural entre eles.”

David J. Rothkopf, escritor e professor da Universidade Johns Hopkins

Merkel faz última visita a Washington

A pouco mais de dois meses de deixar o poder, a chanceler da Alemanha, Angela Merkel, fez, ontem, a última visita à Casa Branca na condição de chefe de governo. A estadista, que lidou com quatro presidentes dos Estados Unidos, reuniu-se no Salão Oval com o colega norte-americano Joe Biden. Ela destacou a amizade com os EUA e a sua contribuição “para uma Alemanha livre e democrática”. O anfitrião, por sua vez, classificou Merkel como “uma grande amiga, tanto pessoal quanto dos Estados Unidos”. Enquanto a chanceler viajava a Washington, as chuvas mais intensas em 100 anos deixavam pelo menos 70 mortos na Alemanha.

Saul Loeb/AFP



A líder alemã começou o dia com um café da manhã na residência da vice-presidente, Kamala Harris. Ao saudar a visitante, Kamala declarou que a carreira de

sua convidada é “extraordinária”. Durante o encontro, as duas tiveram “uma discussão franca e ampla sobre as ameaças e os desafios geopolíticos atuais e futuros”. Elas

Joe Biden recebe a chanceler alemã na Casa Branca: “grande amiga”

concordaram com a necessidade de investir com urgência em instituições democráticas ancoradas no Estado de Direito”, informou o gabinete de Kamala.

A Casa Branca insistiu em que se tratou de uma visita de trabalho, e não de uma despedida da chanceler, considerada a líder mais firme da Europa, e que está há quase 16 anos à frente da maior economia daquele continente. Merkel e Biden discordaram sobre pontos importantes, como China e Rússia.

HAITI

Magnicídio foi planejado na República Dominicana

O assassinato do presidente haitiano, Jovenel Moïse, por um comando armado, em 7 de julho, foi planejado na vizinha República Dominicana, afirmou à noite o chefe da polícia do Haiti. Em uma foto que viralizou nas redes sociais, é possível ver duas pessoas — entre os suspeitos depois detidos pela polícia — e o ex-senador Joel John Joseph, alvo de uma ordem de prisão, participando lado a lado em uma reunião. Segundo o diretor-geral da polícia haitiana,

Léon Charles, as pessoas na foto estavam planejando o assassinato do presidente Moïse na República Dominicana.

“Estavam reunidos em um hotel de Santo Domingo. Ao redor da mesa estão os autores intelectuais, um grupo de recrutamento técnico e um grupo de arrecadação de fundos”, disse Charles. “Algumas das pessoas na foto foram detidas. É o caso do médico Christian Emmanuel Sanon e de James Solages. Este último coordenou

com a empresa de segurança venezuelana CTU, de Miami.”

Até o momento, 21 pessoas foram detidas, incluindo 18 colombianos e 3 haitianos, dois deles também com nacionalidade americana. Três colombianos foram mortos pela polícia. Em meio à investigação, quatro agentes de segurança do presidente foram isolados e 24 estão submetidos a medidas cautelares, disse Charles. Mercenários colombianos detidos afirmaram que foram contra-

tados para capturá-lo e entregá-lo à agência de combate às drogas dos Estados Unidos, a DEA.

Ontem, a viúva do presidente do Haiti, Martine Moïse, levada para Miami após o ataque em que ficou gravemente ferida, publicou fotos de sua hospitalização. “Obrigada à equipe de anjos da guarda que me ajudaram neste momento terrível”, disse ela, sobre uma maca de hospital. Em uma das fotos, Martine aparece com o braço direito enfaixado.

Yamil Lage/AFP



Biden condiciona vacinas a Cuba

O presidente norte-americano, Joe Biden, disse estar disposto a enviar a Cuba (foto) “quantidades significativas” de vacinas contra a covid-19. A remessa seria feita sob uma condição: a de que uma organização independente aplique as doses. “Há um número de coisas que consideramos fazer para ajudar o povo de Cuba, mas isso exigiria uma circunstância diferente, ou uma garantia de que o governo não tomaria vantagem delas”, disse o democrata. No último domingo, milhares de cubanos saíram às ruas para protestar contra o governo.